

## 3º DOMINGO DE PÁSCOA

19 DE ABRIL DE 2026

LUCAS 24.13-35

**Este Recurso Homilético foi publicado originalmente em 23/04/2023.**

### 1 ASPECTOS TEXTUAIS

O texto de Lucas 24.13-35 inicia com um “καὶ ἰδοὺ” (e eis, cf. 24.1) que comumente é utilizado para se introduzir um evento de singular importância. Afinal, Jesus acabara de ressuscitar e agora, aparece a dois de seus discípulos. Embora esses dois discípulos não fossem de entre os onze (cf. 24.9), eles eram de entre os demais, possivelmente, dois dentre os setenta (ou setenta e dois) que Jesus havia enviado para anunciar a chegada do Reino de Deus (10.1-12).

Um desses discípulos é identificado como Cleopas. Pela tradição da igreja primitiva, conforme relatado por Hegesippus (citado por Eusébio), Cleopas seria o mesmo Clopas mencionado em João 19.25 como o esposo de Maria. Caso seja assim, Cleopas possivelmente foi irmão de José, tio de Jesus. Já o outro discípulo, não nominalmente mencionado, é chamado de Simão pela igreja primitiva. Ele seria filho de Cleopas que, segundo Just, veio a ser o segundo bispo de Jerusalém após o ano 70 A.D.

Cleopas e Simão, no domingo da ressurreição (ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ), estavam a caminho do vilarejo chamado Emaús que ficava na Judéia (BDAG). O texto grego afirma que Emaús estava há sessenta estádios (σταδίους ἑξήκοντα) de Jerusalém. Um estádio correspondia a aproximadamente 192 metros (BDAG), que multiplicados 60, correspondem a 11520 metros. A caminhada do percurso durava mais ou menos duas horas. A NAA facilita a compreensão do leitor ao trazer “a uns dez quilômetros de Jerusalém.”

Enquanto procediam pelo caminho, Cleopas e Simão conversam um com o outro (ἀλλήλους) a respeito “de tudo o que tinha acontecido.” Isso demonstra que nenhum deles havia compreendido os últimos eventos com respeito ao sofrimento e morte de Jesus em Jerusalém. Apenas um terceiro poderia ajudá-los na compreensão dos fatos, e esse alguém possui nome, o próprio Jesus (αὐτὸς Ἰησοῦς).

A aparição milagrosa de Jesus é destacada pelo emprego de “καὶ ἐγένετο” (e aconteceu) em 24.15. Seu uso é similar ao de “καὶ ἰδοὺ” (e eis) em Lucas. Ao utilizá-lo, o evangelista quer chamar a atenção do leitor para uma novidade. Fazendo uso de um “desnecessário” αὐτὸς (próprio), Lucas deixa evidente que o Jesus que apareceu a Cleopas e Simão não é outro Jesus, mas aquele que os discípulos viram sofrer e morrer. Aqui, em 24.15, fica claro que os discípulos não apenas “conversavam” (ὁμιλεῖν), mas também “discutiam” (συζητεῖν - BDAG) a respeito de alguns pontos relacionados ao sofrimento e morte de Jesus.

Embora o próprio Jesus tivesse se aproximado e os acompanhava pelo caminho, Cleopas e Simão não o puderam reconhecer. Essa incapacidade de reconhecer a Jesus, no texto, não está ligada a fatores externos. O uso do passivo ἐκρατοῦντο (foram impedidos), implica que os olhos dos discípulos foram controlados pelo próprio Deus para que eles não fossem capazes de reconhecer Jesus (BDAG). Do mesmo modo, o uso do passivo em 24.31 (διηνοίχθησαν) implica que o próprio Deus concedeu aos discípulos que reconhecessem a Cristo Jesus no exato momento do partir do pão.

Em 24.17, Jesus parece reviver em Cleopas e Simão tudo aquilo que eles presenciaram e sentiram nos últimos dias com respeito ao sofrimento e morte de Jesus. O simples questionamento de Jesus a respeito do que eles conversavam, teve a capacidade de alterar o semblante dos discípulos e fazer com que, por um período, eles parassem de caminhar. A palavra σκυθρωποί, traduzida por “entristecidos” na ARA e NAA, implica numa aparência melancólica, triste, sombria, taciturna (BDAG).

Quando Cleopas responde Jesus, ele se revela admirado por Jesus se demonstrar estar à parte dos últimos acontecimentos em Jerusalém. Mais curioso, como destaca Just, é o fato de Cleopas se referir a Jesus como παροικεῖς (peregrino, que é estranho a determinada localidade; BDAG). Para Cleopas, mesmo um não residente de Jerusalém, que estivesse apenas de passagem para celebrar a Páscoa, deveria saber que Jesus havia sido maltratado e crucificado. Afinal, ele era “homem, profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo” (24.19).

Apesar de Jesus ter sido reconhecido como profeta e poderoso em obras e palavras diante de todo o povo (παντὸς τοῦ λαοῦ), os próprios sacerdotes e os próprios líderes do povo (οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ ἄρχοντες ἡμῶν), que eram os maiores oponentes de Jesus, foram os que o entregaram para ser morto e crucificado. Esse entregar (παρέδωκαν) de Jesus tinha como propósito sua condenação à morte e crucificação (24.20). O próprio termo παραδίδομι

comumente é empregado como referência à entrega de Jesus para ser morto (cf. 9.44; 18.31-32). Também aparece como referência à traição de Judas Iscariotes (cf. 22.6, 21, 48).

Em 24.21, Cleopas expressa a esperança que os discípulos possuíam de que Jesus estava prestes (μέλλων) a redimir (λυτροῦσθαι) Israel. A palavra λυτροῦσθαι implica em redenção por meio de resgate, livrar da opressão, libertar (BDAG). Embora esse termo possa ser utilizado para se falar de uma libertação meramente política, Cleopas não parece estar se referindo a Jesus como libertador político. Talvez tenha sido o caso, mas não eram todos em Israel que falavam do Messias nesses termos. O que parece, é que Cleopas e Simão estavam muito confusos com toda a situação envolvendo a esperança da libertação, o sofrimento e a morte de Jesus e, por isso, conversavam e discutiam pelo caminho.

Just sugere que com a crucificação encerrou-se a esperança que os discípulos possuíam a respeito da redenção em Cristo Jesus. Ao longo de seu evangelho, Lucas demonstra que Jesus havia predito para seus discípulos detalhes a respeito de seu sofrimento, morte e ressurreição (9.44-45; 18.31-34; cf. 24.6-8). Em 9.45, por exemplo, é dito que eles não entendiam (ἠγνόουν) e que por isso, não questionavam Jesus a esse respeito. A razão de eles não compreenderem as questões relacionadas ao sofrimento e morte de Jesus é o fato de o próprio Deus, continuamente, ter ocultado isso deles. Isso se faz evidente pelos participios perfeitos passivos παρακεκαλυμμένον (9.45) e κεκρυμμένον (18.34).

Talvez, alguns dos discípulos tinham em mente as falas de Jesus com respeito a seu sofrimento, morte e ressurreição. Porém, somado ao luto e ao medo que estavam vivendo, o fato de eles não compreenderem essas coisas por terem sido ocultadas deles, não permitiu que eles vivessem uma vívida expectativa da ressurreição de Jesus, muito menos relacionar seu sofrimento e morte à redenção de Israel. Toda situação colaborava para que os discípulos não tivessem esperança. Pela própria natureza humana não poderia haver esperanças. Se aconteceu com todos assim como aconteceu às mulheres que foram ao túmulo, todos haviam se esquecido das predições de Jesus com respeito ao seu sofrimento, morte e ressurreição (24.7-8).

Em 24.25, Jesus chama seus discípulos de tolos (ἄνοητοι) e lerdos de coração (βραδεῖς τῆ καρδίᾳ) para serem (πιστεύειν) em tudo (πᾶσιν) o que os profetas disseram. Em seguida, ele fala de seu sofrimento como uma necessidade (ἔδει; cf. 24.26) seguida de sua exaltação (cf. Hb 2.9-10). Em 24.27, Jesus concede mais detalhes a respeito do que ele havia afirmado em 24.25. Ele diz que “todos os profetas” (πάντων τῶν προφητῶν) e todas as

Escrituras (πάσαις ταῖς γραφαῖς) testemunham a respeito de seu sofrimento, morte e ressurreição. Como destaca Just, Jesus faz muito mais do que meramente explicar certos pontos ou passagens da Escritura. Ele reorienta toda a visão, a forma com que os discípulos liam a Santa Revelação. Jesus ensina que toda a Escritura é cristológica, é a respeito de sua pessoa e obra.

Quando se aproximavam do destino, Jesus fez menção que iria passar adiante, mas os discípulos, com muita insistência, convenceram (παρεβιάσαντο - BDAG) Jesus a ficar (μείνον) com eles. O dia estava prestes a terminar (κέκλυκεν - BDAG), assim como quando Jesus alimentou a multidão (9.12). Em 24.30, Lucas novamente inicia com um “καὶ ἐγένετο” para ressaltar o evento da revelação de Jesus no partir do pão. Depois de Jesus se reclinar à mesa, Lucas descreve a forma com que Jesus pega o pão, o abençoa, o parte e o distribui de semelhante forma com que ocorreu na multiplicação de pães e peixes e na instituição da Santa Ceia (cf. 9.16; 22.19). Nesse exato momento do partir do pão, os olhos dos discípulos foram abertos (διηνοίχθησαν) por Deus e eles conectaram os fatos reconhecendo (ἐπέγνωσαν - BDAG) a Jesus que ficou invisível (ἄφαντος - BDAG) diante deles.

Em 24.32, Just aponta que as frases “quando ele nos falava pelo caminho” e “quando nos explicava as Escrituras” são coordenadas. Isso significa que a segunda frase é uma explicação da primeira. A fala de Jesus pelo caminho foi uma explicação das Escrituras. Essa explicação de Jesus foi a causa de o coração dos discípulos queimar (καιομένη). Além disso, os imperfeitos ἐλάλει (falava) e διήνοιγεν (explicava) indicam que o ensinamento de Jesus foi constante e progressivo.

No mesmo instante, os discípulos se levantaram e regressaram para Jerusalém, onde encontraram os onze discípulos reunidos e outros com eles. Cleopas e Simão, porém, não contariam nenhuma novidade para os demais discípulos, pois entre eles já diziam que “de fato” (ὄντως) Jesus havia sido ressuscitado (ἠγέρθη) e revelado (ὥφθη) a Pedro. Para Cleopas e Simão, certamente foi uma alegria e alívio obter tal confirmação da parte dos demais discípulos antes de relatarem a própria experiência que tiveram ao longo da jornada, do contrário, poderiam pensar que eles estavam delirando assim como pensaram a respeito das mulheres que voltaram do túmulo (24.11).

A divindade de Jesus poderia ser aqui destacada por causa de suas misteriosas aparições e desaparecimentos. No tempo que Jesus se deu a conhecer a Cleopas e Simão pelo caminho de Emaús, ele já havia se revelado também a Pedro. Entretanto, a clara confissão da

divindade de Jesus fica evidente pela referência a ele como “ὁ κύριος” (o Senhor) por parte dos discípulos. O artigo definido “ὁ” aponta para a singularidade do senhorio de Jesus. Ele é “o Senhor,” não “um Senhor” em meio a vários outros. Já “κύριος” no grego era correspondente ao hebraico Adonai (אֲדֹנָי) que era utilizado para não se fazer referências diretas ao nome de Deus (יְהוָה).

Cleopas e Simão não divulgaram para seus irmãos o simples fato de Jesus ter caminhado com eles e ter se dado a conhecer no partir do pão. Da “explicação” (ἐξηγοῦντο) que foi dada, provém a palavra “exegese” (24.35). Em todos os detalhes (BDAG) eles relataram para os demais discípulos o que aconteceu com eles pelo caminho, e isso inclui a explicação que Jesus concedeu a eles a respeito de toda a Escritura. Cleopas e Simão ensinaram aos demais discípulos a lerem as Escrituras de forma cristológica, assim como eles foram ensinados pelo próprio Jesus.

## 2 ASPECTOS TEOLÓGICOS

- Lucas 24.13-35 não deixa claro se Jesus chegou a comer do pão que partiu. Entretanto, em 24.41-43, fica evidente que Jesus come peixe com os discípulos. Se tratando de aparições pós-ressurreição, ao comer, Jesus demonstra que ele não era apenas um espírito. O fato de Jesus comer e beber com os discípulos é encarado como uma prova concreta de que ele havia ressuscitado dentre os mortos (At 10.41).
- Existe uma grande discussão se esse “partir do pão” em nosso texto era a Santa Ceia. É muito complicado chegar a uma conclusão definitiva quanto a isso. Porém, deve-se ter muito cuidado para não se desconsiderar essa possibilidade, principalmente, as relações. O “partir do pão,” é uma forma clássica que Lucas utiliza como referência a Santa Ceia (cf. At 2.42; 20.7). Como mencionado acima, a forma que Lucas descreve como Jesus partiu o pão se assemelha com a forma que Jesus partiu o pão no momento da instituição da Ceia. Além disso, foi escolha do próprio Deus privar os olhos dos discípulos até esse momento para que reconhecessem a Cristo Jesus. O fato de Jesus desaparecer naquele momento também é visto como um indicador de que Jesus se faz presente com sua igreja no partir do pão e do

cálice, onde oferece seu corpo e sangue para ser comido e bebido. Como destaca Just, é possível observar padrões de comunhão com Deus ao redor da mesa no AT, no NT, em nosso culto, na nova era que há de vir.

- A aparição de Jesus aos discípulos no caminho de Emaús é catequética. Jesus nos ensina um padrão que foi observado desde o princípio da igreja cristã. De catecúmenos que iam recebendo os ensinamentos pelo caminho, eles tiveram os olhos abertos “no partir do pão.” O abrir das Escrituras é ponto fundamental e indispensável para que se passe da descrença para a crença. Porém, Lucas demonstra que o abrir das Escrituras não é um fim em si mesmo, afinal, foi no partir do pão, pela ação de Deus, que os discípulos realmente tiveram os olhos abertos. Conforme Just aponta, o abrir das Escrituras ao longo do caminho não os capacitou para que reconhecessem a presença de Jesus ressuscitado. A instrução foi uma pré-condição indispensável para o reconhecimento de Jesus. Lucas demonstra que a palavra é para estar unida, ordenadamente, com o pão. O mesmo se dá no “caminhar” com Jesus em nossos cultos. Primeiro a palavra, depois o reconhecimento do corpo e sangue de Cristo pela união da Palavra aos elementos.
- Como luteranos, é necessário cuidado para não se referir às sagradas instituições (Batismo e Santa Ceia) como dispensáveis ou desnecessárias para a salvação. Embora admitamos que pela Escritura pessoas podem vir à fé e serem salvas, o Batismo e a Santa Ceia foram instituídos com específicos propósitos para a vida da igreja cristã. Considerar esses meios da graça como desnecessários ou dispensáveis, é colocar uma conclusão humana acima da vontade revelada do próprio Deus, o que caracteriza um certo desprezo por tais meios que foram prefigurados desde o AT e instituídos pelo próprio Filho de Deus. Não cabe a nós considerá-los dispensáveis ou desnecessários.
- Todo o evangelho de Lucas aponta para uma preocupação com respeito ao claro ensino do verdadeiro conhecimento. A falta do verdadeiro conhecimento ou entendimento é uma doença contínua que foi confrontada pelos discípulos e habitantes de Jerusalém. Assim como Jesus demonstra, a plena participação em seu reino precede um ensino detalhado da revelação de Deus em Cristo Jesus. O relato dos discípulos no caminho de Emaús é uma história narrativa didática para a vida da igreja. Ele ensina como e onde a

igreja reconhece seu Senhor. Na comunhão da mesa Deus oferece sua hospitalidade, e em sua forma suprema de mesa da comunhão – a Santa Ceia – ele, em verdade, oferece seu perdão para pecadores, seu corpo e sangue no pão e vinho. A Comunhão ao redor da mesa de Deus – do sacramento do Altar – é uma confissão de unidade em fé em Jesus, de comum entendimento e concordância de doutrina. Essa hospitalidade na mesa da comunhão é também escatológica, apontando para uma participação proléptica na mesa da comunhão celestial no eterno banquete messiânico, onde a hospitalidade de Deus alcança seu cumprimento final.

- O sofrimento e morte de Jesus foi uma necessidade pela qual ele deveria de passar a fim de que concedesse aos seres humanos a remissão dos pecados e assim, entrasse em sua glória. Os discípulos não conseguiam compreender como a cruz pudesse estar relacionada à salvação. Entretanto, como o próprio Jesus demonstra, sem seu sofrimento e morte não poderia haver a redenção de Israel, sendo a cruz, portanto, o objetivo principal de sua encarnação. As Confissões Luteranas condenam declarações de que “o Cristo que deveria de padecer” seja uma referência apenas à sua natureza humana.

### **3 ASPECTOS HOMILÉTICOS**

- O texto não reflete o motivo de esses dois discípulos estarem deixando Jerusalém. Eles, tristes, de luto, sem esperanças, provavelmente já seguiam pelo “próprio caminho”. Em meio a essa situação, Jesus se coloca ao lado deles, e sem se precipitar, concede a eles uma explicação de todas as Escrituras. Concedendo a eles uma firme base, Jesus os reorienta para o único e verdadeiro caminho. Jesus os traz de volta, concede alegria e esperança para aqueles que estavam tristes, perdidos, em luto. Jesus, ao reorientar a vida de seus discípulos, não os leva apenas para a cidade terrena de Jerusalém, mas para a Jerusalém celestial. O fato de toda a Escritura ser cristológica, implica que toda a Escritura é a respeito da Santa Igreja Cristo, pois de Cristo participamos, de seu próprio corpo, de seu próprio sangue. Em Cristo, portanto, dizemos com Cristo: “Ó SENHOR, livra a minha alma... Ó minha

alma, volte ao seu sossego... Pois livraste da morte a minha alma, das lágrimas, os meus olhos, da queda, os meus pés” (Sl 116).

- Muitas vezes, e com razão, nos preocupamos com a salvação das pessoas que nos cercam, principalmente das pessoas que amamos. O texto de Lucas 24.13-35 nos ensina que não está ao nosso alcance o “abrir dos olhos” de nosso semelhante para que reconheçam a Cristo Jesus. Embora o “abrir dos olhos” seja algo que pertence unicamente a Deus, Jesus nos dá um exemplo de como proceder. Ele insiste no ensino, na pregação da palavra e, posteriormente, se dá a conhecer no Santo Sacramento do Altar. Primeiro vem o ensino, depois o alimento. Diante da ação de Deus, não é necessário que nos preocupemos com nosso semelhante pensando que temos a capacidade de mudar corações. Isso produziria em nós angústia, sofrimento, desespero. Como filhos de Deus, à exemplo de Jesus, conforme ensina Paulo, pregamos, seja em momentos oportunos ou não. O crescimento, o “abrir dos olhos,” pertence ao nosso amoroso e misericordioso Pai do Céu.
- Os “olhos fechados e abertos” em Lucas são metáforas que apontam para a condição espiritual dos discípulos. Algo semelhante acontece em Gn 3.7. Adão e Eva tiveram os olhos abertos para o conhecimento do bem e do mal, para a própria nudez, para a criação caída, para a imagem de Deus que foi destruída pela desobediência. Já os discípulos a caminho de Emaús tiveram os olhos abertos para a inauguração de uma nova era, para criação que agora é restaurada pelo novo Adão que oferece seu corpo e sangue como alimento para vida verdadeira. Curiosamente, essa refeição aconteceu no primeiro dia da semana, o primeiro dia no trabalho de uma nova criação. O oitavo dia, o dia da ressurreição, o dia da eternidade, foi o dia escolhido pelos primeiros cristãos para se reunirem e participarem do corpo e sangue de Cristo.
- Martinho Lutero, em seu comentário a Gênesis 22.1-2, lembra da insistência que os discípulos de Emaús tiveram para que Jesus permanecesse com eles. Nesse texto, Lutero fala da imutabilidade da Palavra de Deus e da insistência que precisamos ter nela. Por mais que Jesus finja passar adiante de nossas vidas, por mais que pareça ter se esquecido de suas promessas, é preciso reter a fé naquilo que nos foi revelado, insistindo nas promessas e na sua infalibilidade.
- O sentimento não deve ser ressaltado acima da segurança da fé na Santa

Revelação. Sentimentos são posteriores à fé e podem enganar. Dependendo da situação, do sofrimento, pessoas podem não ter o coração “queimando,” quando meditam na Palavra de Deus. Os sofrimentos, as angústias, o luto, podem conceder a falsa impressão que Jesus nos abandonou, que ele não “caminha” mais ao nosso lado. Suas promessas, porém, garantem que ele caminharia conosco todos os dias, até a consumação do século. Jesus se faz presente em alegrias, tristezas ou quando tudo parece estar uma bagunça na mente e coração.

Jhones Igor Koehler